

O Campo da Comunicação e o Papel da Semiótica¹

Mauricy PACE²

Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, Chapecó, SC

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar acerca da relação entre Semiótica, Educação e Comunicação, para entender como essas três áreas podem se influenciar e potencializar determinadas características de cada uma delas. Busca-se apontar as possibilidades de utilização da ciência dos signos de forma prática e aplicada no campo da Comunicação, de forma mais aprofundada, a partir de uma discussão entre os autores Ciro Marcondes Filho e Winfried Nöth, por meio de artigos, onde discutem sobre como o meio comunicativo pode subsumir a Semiótica em suas pesquisas e aplicações.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; semiótica; relações.

TEXTO DO TRABALHO

Para entender a utilização e a contribuição da Semiótica para a comunicação, precisa-se mostrar e definir minimamente o que neste texto será trabalhado como Campo da Comunicação, para que, assim, possam ser feitas as relações necessárias entre Comunicação e Semiótica.

Segundo José Luiz Braga, estudioso brasileiro da área da Comunicação, em 2011, quando reeditou seu artigo Constituição do Campo da Comunicação, para falar sobre o tema:

Preliminarmente creio ser relevante adotar-se a posição decidida de que é ocioso debater sobre o estatuto acadêmico do Campo da Comunicação – se de ciência, arte, disciplina, ou apenas um gênero de literatura. O que parece importar é a constatação inarredável, na presente situação histórico-social, da objetivação de um espaço de estudos, reflexões e pesquisa percebidos largamente como relevantes, espaço este que, ao ser nomeado pelo termo ‘Comunicação’ ou pela expressão ‘Comunicação Social’, encontra forte consenso quanto ao de que se está falando – ainda que o contorno e a organização interna desse espaço estejam longe de ser consensuais. (BRAGA, 2011, p. 2).

¹ Trabalho apresentado na DT 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, e-mail: mauricy@unochapeco.edu.br.

Ou seja, o próprio “Campo da Comunicação”, assim denominado, não é uma área definida com certa tranquilidade e com conceitos definidos, porém, o que importa é percebermos que os estudos nessa área, vem ao encontro das reflexões e de sua relevância nos dias atuais para o entendimento da sociedade em que estamos inseridos e os processos de comunicação e produção de conhecimentos.

Neste sentido, a Comunicação e seu campo de estudo está, hoje em dia, em uma esteira de áreas que se preocupam com os estudos de certa forma abrangentes para o entendimento do ser humano e de suas relações entre si, assim sendo, a Comunicação se mostra um campo fértil e relevante para estudos.

Não há dúvida também de que este espaço de preocupações encontra lugar adequado (e diferenciado, embora evidentemente não estanque) no conjunto de estudos que compõem a vasta abrangência das preocupações com o desenvolvimento de conhecimento sobre o Homem sua Sociedade (como a História, a Sociologia, a Literatura, a Educação, as Artes, a Antropologia, os estudos da Linguagem, a Ciência Política, a Literatura, a Psicologia, etc.). (BRAGA, 2011, p. 2).

O autor José Luiz Braga se preocupa em expressar a recusa de se trabalhar com a expressão de que o Campo da Comunicação seria um “campo interdisciplinar”, já que para ele, de acordo com as definições mais comuns de interdisciplinaridade, todas as áreas o são, em maior ou menor escala, por isso, surge a preocupação em entender a constituição desta área.

Pensando desta forma, podemos também entender como as outras áreas de estudo se encaixam na comunicação, como falado anteriormente, quando citado sobre a contribuição de autores e intelectuais de diversas áreas a desenvolverem diversas teorias da comunicação utilizadas até os dias de hoje.

Temos aí um âmbito relevante de estudos com potencialidade para produzir avanços do conhecimento sobre fenômenos comunicacionais. Temos também um espaço de desafios especiais para nossa área, pois o ‘outro lado da interface’ – uma área de conhecimento mais estabelecida – fornece teorias e perspectivas necessárias, mas arrisca também absorver a atenção do pesquisador, por suas teorias e objetos mais tradicionalmente delineados. Muitas pesquisas da área ocorrem nessas interfaces – Comunicação e Política, Comunicação e Educação, Comunicação e Cultura; Comunicação e diversas questões sociológicas, linguísticas, antropológicas, etc. (BRAGA, 2011, p. 3).

Até por isso, o Campo da Comunicação ainda não tem e, possivelmente, não terá, um objeto fixo de estudo, assim como acontece em outras áreas, já que por ser abrangente e por contar com olhares e ângulos diversos, ao um pesquisador escolher uma área para se aprofundar, deixa de lado as outras, gerando uma certa tensão entre os próprios pesquisadores.

Assim, podemos traçar um certo paralelo e, ao mesmo tempo, uma aproximação da Comunicação com a Semiótica, uma vez que a Semiótica já passou e continua se relacionando, afetando e sendo afetada, por diversas áreas de estudos, pesquisa e prática, em que não se pode delinear uma única área de atuação para os pesquisadores da Semiótica e da própria Comunicação.

Mesmo apresentando essa característica abrangente do Campo da Comunicação, Braga afirma que os pesquisadores da área da comunicação precisam e tem essa tendência, de se especializar e se aprofundar em uma área em específico dentro do leque de possibilidades comunicacionais.

Como me parece claro, hoje, que o objeto da Comunicação não pode ser apreendido enquanto ‘coisas’ nem ‘temas’, mas sim como um certo tipo de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional – nosso esforço é o de perceber processos sociais em geral pela ótica que neles busca a distinção do fenômeno. Que se busque capturar tais processos e suas características nas mídias, na atualidade, nos signos, em episódios interacionais – não faz tanta diferença. O relevante é que nossas conjecturas sejam postas a teste por sua capacidade para desvelar e explicitar os processos que, de um modo ou de outro, resultem em distinção crescentemente clara sobre o que se pretenda caracterizar como ‘fenômeno comunicacional’ relacionado aos temas e questões de nossa preferência. (BRAGA, 2011, p. 5).

Braga apresenta o pensamento de Francisco Rüdiger ao falar que o objeto central das teorias da Comunicação seria o da “conversa” da sociedade. Como uma espécie de mediação entre as realidades e relações da sociedade entre si, no mesmo movimento citado anteriormente de afetar e ser afetada.

Porém, ao mesmo que apresenta a ideia de Rüdiger, Braga propõe uma mudança de termos para este objeto de estudos da Comunicação, saindo de “conversa” para “interação”, para assim abranger justamente, as interações sociais de seus atores por meio da comunicação. Mas, mais importante que o termo empregado em si, é a ideia da

troca de experiências, conhecimentos e significados que são mediados pelos signos na comunicação.

O termo ‘conversa’ tem a vantagem de não se confundir com qualquer outro tipo de interação social. A expressão ‘conversar’ chama a atenção imediatamente para o aspecto de troca comunicacional (ainda que o objeto de uma ‘conversa’ possa ser de diversas naturezas – econômica, política, militar, científica, ou sensual). Os modos e objetivos específicos são deixados em segundo plano, e a palavra enfatiza a troca e o fato de que essa troca é uma comunicação. Poderíamos assim dizer que o objetivo e o objeto do Campo de Estudos em Comunicação, de modo quase tautológico, é observar como a sociedade conversa com a sociedade. (BRAGA, 2011, p. 5).

A Comunicação está envolvida em diversas áreas do conhecimento e em inúmeros campos de pesquisa, porém, sempre utilizada e vista como uma ferramenta ou, melhor dizendo, muito mais como uma mediação e um processo que faz com que os fenômenos dessas áreas de estudo se desenvolvam, enquanto no campo da Comunicação, isso acontece de forma inversa.

Podemos, então, apoiados nos escritos de Braga, criar de maneira rápida e para o entendimento e desenvolvimento deste trabalho, uma descrição do que seria o Campo da Comunicação, onde a Semiótica ainda encontra alguns problemas para pensarmos nos horizontes de sua aplicabilidade.

O que significa objetivar, destacar e problematizar a dimensão comunicativa dos diversos procedimentos humanos – na política, na educação, na produção científica, na criação artística, no intercâmbio cultural? Não se trata apenas de perceber que as pessoas se engajam nestas atividades e processos ‘conversando’, ‘se comunicando’. Tratar-se-ia, antes, de procurar perceber o quê – nestes processos especificados por seus modos e objetivos sociais – é entretanto inerente não a estas especificações, mas resultante de (ou referente a) processos mais amplos de trocas simbólicas e de interações que sobre-determinam o que aí se faz. Ou, em corolário, procurar perceber como tais ações específicas outras sobre-determinam os processos de comunicação aí envolvidos. (BRAGA, 2011, p. 6).

Nesta esteira, podemos entender o Campo da Comunicação como aquele campo que analisa, problematiza e ressignifica os procedimentos humanos, em suas mais diversas áreas, não simplesmente por seu potencial comunicativo, mas por seus objetivos sociais e simbólicos, esses, sim, mediados pelos signos e processos comunicativos.

Dessa mesma forma, podemos entender a Semiótica, como não sendo algo fechado, mas, sim, uma lente de análise de diversos campos, um caminho que leva aos outros caminhos e os ressignificam, sendo assim, trago a uma contribuição de Nöth (2013) para este texto, onde ele se apoia e utiliza um fragmento de texto de Oehler para falar sobre os momentos que Peirce nos seus manuscritos falou sobre a sua Teoria da Comunicação e sua aplicabilidade neste campo de conhecimento e de atuação.

Oehler lembra que é preciso estudar os escritos tardios de Peirce para entender o escopo de sua teoria da comunicação: Peirce teve um profundo e longo interesse na estrutura comunicativa da relação falante-ouvinte. A mais significativa e cuidadosa entre as suas muitas discussões sobre esse tópico data de 1907. O Manuscrito 308, ainda não publicado, que contém essa discussão, atraiu atenção especial nos anos recentes porque ele fornece uma das exposições mais consistentes de Peirce sobre a teoria dos signos. Nesse manuscrito, Peirce desenvolveu uma análise lógico-semiótica da fala situada tal como ela ocorre em um diálogo. Ao reconstruir a situação de fala, Peirce conseguiu colocar a nu tanto as estruturas triádicas da relação sógnica quanto aquilo a que ele se refere como sendo seus ‘ingredientes essenciais’, a saber, o usuário do signo, a expressão sógnica e o intérprete do signo. (Oehler, 1995, p. 267). (NÖTH, 2013, p. 11-12).

Ciro Marcondes (2012) traz alguns pontos interessantes de discussão sobre a utilização da Semiótica no campo da Comunicação, porém, ao criticar a Semiótica criada por Charles Sanders Peirce, parece ter pouco se aprofundado e comete alguns erros notados e apontados por Winfried Nöth (2013).

Os Cursos de Comunicação e os trabalhos dessa área têm uma característica de buscar afetar e alterar a sociedade em que estão inseridos, sendo essa, uma das premissas básicas dos profissionais deste campo do conhecimento. Ao mesmo tempo que buscam isso, as pessoas que trabalham na área da comunicação são constantemente afetadas pelos acontecimentos diários dessa mesma sociedade.

Algo parecido com este movimento, no entanto, pode ser visto no constructo intelectual de Peirce e da Semiótica Peirciana, como podemos ver neste trecho do livro *O Que é Semiótica*, de Lúcia Santaella (2012, p. 39):

O que Peirce na realidade postulava, como base do seu pensamento, era a teoria do crescimento contínuo no universo e na mente humana. ‘O universo está em expansão’, dizia ele, ‘onde mais poderia ele crescer senão na cabeça dos homens?’. Esse crescimento contínuo se alicerça, contudo, em bases lógicas radicalmente dialéticas, visto que o pensamento humano gera produtos concretos capazes de afetar e

transformar materialmente o universo, ao mesmo tempo que são por ele afetados.

Neste movimento de ir e vir entre a mente humana e o universo em expansão, somos constantemente bombardeados por signos que nos ajudam a criar significados sobre os acontecimentos diários, ao mesmo tempo que produzimos outros tantos signos para ressignificar os objetos aos quais buscamos alcançar.

Uma discussão entre dois autores, sendo eles Ciro Marcondes (2012) e Winfried Nöth (2013), fala sobre a aplicabilidade ou não, da Semiótica no Campo da Comunicação. O primeiro defende que a Semiótica não tem aplicação prática para o Campo da Comunicação, principalmente ao falarmos da Teoria da Comunicação de Charles Peirce. Enquanto Winfried Nöth mostra que a Semiótica desenvolvida por Peirce pode ajudar os processos de comunicação.

O primeiro foi escrito por Ciro Marcondes em julho e aprovado em setembro de 2012 e leva o nome de *Esquecer Peirce? Dificuldades de uma teoria da comunicação que se apoia no modelo lógico e na religião*. Neste texto, o autor Ciro Marcondes traz uma série de apontamentos para tentar mostrar que a Teoria da Comunicação desenvolvida por Peirce na Semiótica não traz contribuições verdadeiras para o campo e os estudiosos da Comunicação.

Em resposta, Winfried Nöth, um dos mais influentes estudiosos da Semiótica no Brasil e de reconhecimento internacional, escreveu um artigo em fevereiro e que foi aprovado em março de 2013, em forma de resposta ao artigo escrito por Marcondes, com o nome de *A teoria da comunicação de Charles S. Peirce e os equívocos de Ciro Marcondes Filho*.

O primeiro ponto que ressalto que Ciro Marcondes escreveu para tentar convencer que a Semiótica não pode ser aceita como uma Teoria da Comunicação, ou então ser utilizada no campo da Comunicação é o seguinte: “Deve-se deixar claro, inicialmente, que Peirce é, antes de qualquer coisa, um lógico – certamente um metafísico – não um teórico da comunicação.” (MARCONDES, 2012, p. 23). Porém, este não me parece um ponto muito lógico para defender uma não utilização da Semiótica na Comunicação.

Digo isso apoiado no campo de formação inicial de muitos dos maiores e mais aceitos pesquisadores do Campo da Comunicação e criadores de teorias até hoje utilizadas nesta área do conhecimento, como Walter Benjamin é um filósofo, enquanto

Marshall McLuhan tem sua formação na área da Literatura e só depois de iniciados os seus estudos e pesquisas é que foram utilizados no campo da Comunicação.

Walter Benjamin é um filósofo alemão, descendente de Judeus, que viveu no período das duas grandes guerras, vivendo entre Alemanha e outros países da Europa onde buscou abrigo da perseguição Nazista aos Judeus. No seu período de atividade, foi um dos inspiradores e membros da Escola de Frankfurt, desenvolvendo pesquisas e escritos a respeito da Filosofia, das Artes Visuais e também da Literatura.

Um de seus principais escritos tem o nome de *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*:

Nesse ensaio, Benjamin explica que a aura é uma dimensão do objeto, que pode ser natural ou artístico e implica a existência de três valores: a autoridade, a unicidade e a autenticidade. Benjamin argumenta sobre as razões – predominantemente sociais – que levaram do processo, de dessacralização e racionalização das visões de mundo, decorrente do advento da Modernidade. (SALLES, 2008 apud AGUIAR; BARSOTTI, 2017, p. 58).

Benjamin defende que uma obra de arte – neste caso o Cinema ou o Teatro, mas que aqui podemos encarar também a Comunicação e a Publicidade – é carregada de sua aura (que representa o autor da obra), mas que ao ser reproduzida essa aura se dissolve e se perde no contato entre o autor e os receptores, seja ao vivo ou por meio de aparelhos, fazendo assim, críticas aos conceitos de Comunicação e Manipulação das grandes massas. Ao mesmo tempo que critica a reprodutibilidade técnica, Benjamin reconhece que mesmo com a perda da aura, esse é um processo que acaba democratizando o acesso à arte.

Ainda que não seja um ‘teórico da comunicação social’ em sentido restrito, em vários ensaios Benjamin trata de ‘processos comunicativos’, de ‘meios de comunicação’ dentro de um viés crítico e reflexivo, sendo um dos primeiros a abordar as transformações na experiência humana em virtude das novas condições sociais, políticas, históricas, culturais e técnicas. Discorre sobre as condições de transmissibilidade, sobre mudanças perceptivas, sobre problemas relativos à linguagem, sobre signos, particularmente o símbolo e a alegoria, sobre a pauperização da experiência comunicativa, sobre as novas condições de produção, sobre os novos meios de produção e circulação de bens culturais – destacadamente a fotografia e o cinema, e suas injunções sobre as formas tradicionais de arte, tudo manuseado no cadinho de transformações da Modernidade, que promoveu uma reorientação radical das formas de representação e da experiência do espaço e do tempo. (SALLES, 2008 apud AGUIAR; BARSOTTI, 2017, p. 61).

Por esses motivos, podemos ver, em Walter Benjamin, um potencial de uso dos seus pensamentos na Área da Comunicação, mesmo ele não sendo um comunicólogo.

Marshall McLuhan pode ser considerado como um dos maiores pensadores da Área da Comunicação no século XX, mesmo sem ter nenhuma formação acadêmica em cursos dessa área. Focado principalmente na comunicação através dos meios eletrônicos que ganharam notoriedade e força na segunda metade do século passado, McLuhan desenvolveu seus principais estudos chamados de *A Galáxia de Gutenberg*, em 1972, e *Os meios de comunicação como extensões do homem*, em 1974.

McLuhan graduou-se em 1932 no curso de Artes pela Universidade de Manitoba, em Winnipeg, mesma instituição onde obteve o grau de Mestre em Literatura Inglesa pouco tempo depois. Após isso, McLuhan iniciou sua vida acadêmica na Universidade de Cambridge, no Reino Unido, onde fez seu Doutorado também em Literatura Inglesa, mas foi na Universidade de Wisconsin onde McLuhan iniciou sua carreira de professor universitário.

O maior dos desafios lançados por McLuhan é o descolamento da atenção no conteúdo para o meio, e a discussão sobre o que a tecnologia representa no processo de comunicação: De que modo os artefatos culturais que os seres humanos utilizam para se comunicar interferem significativamente nos modos de intercâmbio com os demais e com o mundo ao redor? (MARQUES, 2001 apud AGUIAR; BARSOTTI, 2017, p. 163).

Além dos dois livros lançados e já citados, uma das principais contribuições de Marshall McLuhan para o campo da Comunicação, é o seu estudo voltado para a importância da mídia utilizada no processo de comunicação. Ao contrário da grande maioria dos teóricos que estudam a comunicação no emissor, no receptor ou na própria mensagem, para McLuhan, o meio é a mensagem.

Essa ideia de que os meios na verdade são as mensagens, sem ligar muito para o conteúdo que as mensagens estão carregando, vai de encontro ao pensamento de McLuhan de que os meios de comunicação, são na verdade uma extensão do corpo humano, ou seja, eles alteram a nossa forma de lidar e participar do mundo cotidiano no qual estamos inseridos.

Concebendo a mensagem como o que tem entre suas características formais a potencialidade de provocar efeitos (ECO, 1999), de dar o recado, de imprimir suas marcas, profundas ou indelévels, sobre quem

a recebe, ou o que deixa no usuário e no ambiente onde se manifesta algo de si, McLuhan sustenta, então, que o componente do processo comunicativo que realiza tais ações não é o conteúdo do que é esparso ou difundido na comunicação, e sim a tecnologia que comporta esse conteúdo e que imprime sua própria lógica sobre todos os aspectos da comunicação. O meio é a mensagem porque produz efeitos de inexoráveis em seus usuários, rompe com os padrões anteriores e dá forma ao ambiente, provocando uma mudança total onde se instala. (MARQUES, 2001 apud AGUIAR; BARSOTTI, 2017, p. 169).

Estes são apenas dois casos de autores de áreas de formação inicial de fora do campo da Comunicação, mas que desenvolveram teorias significativas a partir de seus pensamentos e formas de olhar o mundo totalmente aplicáveis no campo da Comunicação e que são discutidos até os dias de hoje. Além do mais, estes dois autores tomados como exemplo, dentre uma gama de tantos outros, demonstram como, mesmo não sendo do campo da Comunicação, possibilitaram e seguem possibilitando os avanços no campo da Comunicação, principalmente.

Além disso, podemos entender a Semiótica de Peirce e entender sua possível utilização, entendida aqui como uma mediação, na Comunicação e como uma de suas teorias, mesmo sem Peirce ter sua formação inicial nessa área. De acordo e em acordo com essa citação extraída do livro *O que é Semiótica*, de Lúcia Santaella (2012, p. 19), onde a autora descreve a ciência dos signos como: “A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição do todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.”

Assim, podemos entender e defender a utilização da Semiótica como uma teoria aceitável e aplicável no Campo da Comunicação, uma vez que ela visa investigar os processos da linguagem, seja ela verbal ou não, analisando os fenômenos e a produção de significados, algo que vai ao encontro do papel da Comunicação, seja pelo Jornalismo, seja pela Publicidade.

A contundência na crítica que Nöth (2013) faz sobre Marcondes (2012) é grande e se estende por uma lista de dez equívocos cometidos por Ciro Marcondes em seu artigo, alguns já foram abordados neste texto e outros ainda o serão, como a crítica de Winfried Nöth no que ele chama de Equívoco 6: Peirce, um cartesiano privilegiando a perspectiva do observador: “[...] está em falta qualquer fonte para esta afirmação na obra de Peirce e, mais uma vez, seria impossível encontrá-la, visto que o observador do

signo não é um fator que seja levado em consideração quando Peirce estuda os processos de semiose.” (NÖTH, 2013, p. 17).

A passagem em que Ciro Marcondes (2012) utiliza para falar que Peirce seria um cartesiano e que privilegia a perspectiva do observador em detrimento com o todo é feita na página 28 de seu artigo.

Peirce fala de um contato imediato com a coisa, de nossa reação a ela, de nossa representação ou interpretação dela, ou do primeirismo, do secundismo e do terceirismo. A Nova Teoria da Comunicação também opera com uma trilogia, que é nossa relação com sinais, informação e comunicação, mas, diferentemente de Peirce, não coloca o observador em primeiro lugar, não comete esse desvio cartesiano do filósofo norte-americano. (MARCONDES, 2012, p. 28).

Em resposta a essa afirmação de que a Nova Teoria da Comunicação, escrito pelo próprio Ciro Marcondes, seria contrária a Peirce justamente por não colocar o observador em primeiro lugar, mas sim opera com uma relação entre sinais, informações e comunicação, Winfried Nöth escreveu sobre o processo da semiose:

Neste processo, não é o observador que está na posição lógica do primeiro, ou mediação, mas o próprio signo. Embora a semiose seja, de fato, ligada à interpretação, Peirce não a define como a agência de um intérprete. A noção da ‘ação do signo’ tem de ser tomada literalmente. O signo e não o intérprete é o agente da semiose. A agência da semiose é aquela da mediação entre o objeto representado pelo signo e o interpretante, que é o efeito semiótico do signo a se processar na mente de um possível intérprete... (NÖTH, 2013, p. 17).

As críticas de Winfried Nöth (2013) para com o artigo escrito por Ciro Marcondes (2012) continua quando chegamos no Equívoco 10: Todos leem da mesma maneira. Aqui Nöth critica as fontes utilizadas por Marcondes para escrever sobre como Peirce teria dito que todos leem os signos da mesma maneira. Isso levando em conta que Marcondes não utilizou texto do próprio Peirce para falar sobre esse tema, mas sim, utilizou dois intérpretes pouco conhecidos e com poucas produções ou relevância sobre o campo da Semiótica.

Outro autor que trabalha com a aplicabilidade da Semiótica no campo comunicacional, é José Benjamin Picado, quando ainda em 2001, publicou um trabalho intitulado *Por que a Semiótica interessa às Teorias da Comunicação?*, onde o autor fala sobre as possibilidades emergentes da pertinente utilização da investigação dos signos e seus significados no âmbito da Comunicação e de suas teorias.

Neste trabalho, Picado se utiliza de uma pergunta feita pelo professor Ian Hacking em palestras que ele proferiu em Cambridge, sobre, por que é que a linguagem interessa à filosofia? Neste questionamento, Hacking trazia as contribuições do estudo da linguagem e de suas significações para a utilização na filosofia, por meio de signos, linguagem, discursos sentidos, entre outros.

Esse questionamento feito por Ian Hacking, ainda no ano de 1975, demonstra uma preocupação latente de se entender como filosofia, comunicação e linguagem podem ser trabalhados juntos, mediados por uma leitura de signos e significados produzidos. Da mesma forma, Hacking busca mostrar que nas mais diferentes escolas filosóficas, contemporâneas ou não, é muito difícil de se estabelecer um tema central de especulações e estudos.

Em *Why Does Language Matter to Philosophy?*, Hacking parece estabelecer, nas abordagens filosóficas contemporâneas de problemas de significado e de linguagem, um limite entre os propósitos especulativos de uma filosofia da significação e seus objetos propriamente ditos: assim sendo, devemos distinguir, na aparente inspiração semiotizante que podemos identificar na filosofia contemporânea, aquilo que é consideravelmente novo (o significado, as sentenças, a referência, enfim, os novos objetos da especulação filosófica) com respeito àquilo que permanece demarcando a interrogação filosófica, não obstante o assunto haver aparentemente mudado. (PICADO, 2001, p. 2).

A lição central deste pensamento é mostrar que, assim como nas escolas filosóficas que não podem ser estabelecidas como fechadas e encerradas, tampouco, dizer que os pensamentos e os problemas de significação dessas escolas de pensamento estivessem tratadas de maneira refinada, assim como, podemos relacionar com o que acontece com a comunicação e suas teorias.

Como visto anteriormente, o próprio Campo da Comunicação e de seus estudos, não são algo tranquilamente definido e, muito menos, clarificado de forma definitiva. Desta maneira, podemos ver mais uma dessas aproximações entre a Filosofia – no caso deste trabalho a Semiótica – e as Teorias da Comunicação, onde uma parte se apoia na outra e se utiliza dela para ampliar seu poder e área de atuação.

Quando consideramos a introdução de um discurso como o das semióticas no universo das investigações acerca dos fenômenos e processos comunicacionais, não podemos pensar que a novidade destas interrogações se defina apenas no nível de sua aplicação metodológica: assim sendo, estamos, de um lado, evidentemente

constritos por uma história do campo disciplinar da comunicação que, por sua demarcação predominantemente sociológica e analítica, pareceu-nos por demais afeito às conquistas que as teorias da linguagem e da significação puderam aportar às ciências sociais. (PICADO, 2001, p. 3).

Ou seja, a Comunicação e suas teorias não podem ver a Semiótica, única e exclusivamente como um método de análise, apreensão e significação de estudos e de fenômenos neste Campo que está em constante construção. Porém, a Semiótica e os estudos filosóficos em si precisam fazer parte e serem subsumidos pela Comunicação de forma integral em sua constituição.

Desta forma, Picado apontava já em 2001 um silenciamento e um distanciamento entre as duas áreas e as duas formas de pensar, da Filosofia (Semiótica) e da Comunicação e suas teorias, seja pela forma de pensar das pessoas, seja pela forma de utilização da Filosofia neste campo de estudos da comunicação.

Há, portanto, um silenciamento que circunda um bocado da reflexão no campo das teorias semióticas, especialmente quando consideramos sua relação com as teorias da comunicação: este silenciamento diz respeito a um aspecto da constituição de um campo de investigações sobre os fenômenos comunicacionais (sua tão referida ‘interdisciplinaridade’) e, mais especificamente, às considerações que se poderiam fazer acerca do endereço especulativo que é devido às interrogações sobre a significação, especialmente em nosso século. Tudo se passa como se não apenas os instrumentais, mas a natureza mesma do problema de uma disciplina semiótica não constituísse, per se, uma questão dramática, quando considerada, por exemplo, desde a perspectiva na qual a filosofia contemporânea a tem enfrentado. (PICADO, 2001, p. 3-4).

Picado aponta que, no Campo da Comunicação, a utilização da Semiótica vinha sendo feita de uma maneira “pobre”, envolvendo basicamente uma interpretação de objetos e de situações à luz da Semiótica, em que aplicar os conceitos da Semiótica para interpretar esses fenômenos não deveria ser tão comum quanto o caso mais sério de entender o que é interpretar, ou o que é significar algo.

Levando em conta tudo isso, Picado aponta que muito deste “erro” em se utilizar a Semiótica como simples forma de “ler” acontecimento, objetos e fenômenos que ocorrem na Comunicação está na forma com a qual entendemos essa mesma Semiótica. Como entender a Semiótica como uma forma de produção do conhecimento e dos fenômenos? Como entender os fenômenos e a significação de conteúdos sob a luz do pensamento filosófico e semiótico?

Estas e outras perguntas podem ser discutidas e iluminadas com a utilização, entendendo esta sempre como mediação, da Educação e do ensino da Filosofia e da Semiótica nos Cursos Superiores em Comunicação, uma vez que são nestes espaços que são construídos os saberes acadêmicos em futuros profissionais.

Se bem podemos dizê-lo, o interesse de uma teoria semiótica para a comunicação não mais se restringe ou se justifica no âmbito da atividade de decifração de obras, mas na da pergunta sobre as condições de possibilidade da significação e da referência, que podemos supor que estejam instanciadas pela experiência comunicacional e cultural coevas. (PICADO, 2001, p. 7).

Ao mesmo tempo que Picado fala sobre a necessidade da subsunção da Semiótica e da Filosofia pela comunicação e suas teorias, o autor apresenta algumas visões a respeito da Semiótica Peirciana e do constructo de Peirce, que parecem um pouco deslocadas da realidade de utilização e entendimento, principalmente por apresentá-la como uma teoria e uma filosofia engessada e que puramente apresentaria formas de estruturalistas de encarar e entender os fenômenos.

Picado parece ficar preso a uma interpretação momentânea de analisar Peirce e seus escritos a partir da visão Kantiana e Cartesiana, embora, o autor reconheça que a ideia Semiótica da construção Peirciana, demonstra uma nova forma de ver e pensar que ajuda a filosofia contemporânea a se estruturar e questionar fenômenos, algo, não só ideal, mas necessário para a pesquisa e trabalho em Comunicação.

Sua teoria da significação importa-nos contemporaneamente por fornecer à reflexão e ao debate sobre a verificação os contornos inevitavelmente semióticos que lhe corresponderiam: justamente por isto, necessitamos acolher a pertinência desta interrogação no nível dos fundamentos lógicos em que ela se nos apresenta inauguralmente. (PICADO, 2001, p. 9).

Podemos entender, dessa forma, que a Semiótica apresenta uma possibilidade de reflexão dos fenômenos da comunicação, não como uma forma mecânica, como em alguns momentos Picado afirma ser, mas principalmente, ao levarmos em conta o conceito de falibilismo do ser humano que Peirce coloca em seus escritos, mostrando que a Semiótica não é composta de conceitos fechados, assim como o ser humano, que afeta e é afetado pelo ambiente onde está inserido.

A discussão da utilização da Semiótica no Campo da Comunicação, como visto neste capítulo, está longe de ser algo tranquilo e definido, em grande parte, pela falta de

padronização do ensino e da forma de entender a Filosofia e a Semiótica nestes ambientes de estudo da Comunicação.

Com a discussão entre Ciro Marcondes e Winfried Nöth, por meio de seus artigos, além das contribuições de Picado, para falar sobre a relação entre Semiótica e Comunicação, ficou claro que em muitos casos a Semiótica é vista de maneira equivocada e simplista, seja na sua definição por si só, seja na sua aplicação na Comunicação.

Por muitas vezes, os Comunicólogos olham e entendem a Semiótica como uma simples lente de visualização para fenômenos comunicativos, com uma simples maneira de analisar discursos, palavras e interações entre pessoas ou partes que estão se comunicando.

Porém, isso não se deve simplesmente por uma “implicância” ou pela falta de aprofundamento na Semiótica. Com o primeiro capítulo desta Dissertação, pode-se perceber que o próprio Campo da Comunicação não está resolvido por si só, ainda carece de definições específicas e de ajustes acerca dos temas e objetos de pesquisa que esta área se propõe a estudar e a se debruçar.

Este fato coloca luz sobre o fato de que por este motivo, os próprios Comunicólogos têm uma dificuldade de definir quais são as Teorias da Comunicação mais aceitas e de que forma elas devem ser encaradas e utilizadas no dia a dia dos estudos e das pesquisas em Comunicação.

Winfried Nöth, ao apontar alguns equívocos cometidos por Ciro Marcondes em sua tentativa de negar a utilização da Semiótica desenvolvida por Charles S. Peirce, traz à tona diversos pontos para mostrar como essa ciência que se constitui de conceitos muito mais profundos do que os apresentados por Marcondes, pode e tem um grande potencial de aplicabilidade na Comunicação.

A pesquisa e o ensino em Comunicação não podem ficar restrita aos processos comunicativos que envolvem as partes, mas sim analisar de forma profunda as interações sociais que acontecem em todos os momentos, sempre mediadas por signos verbais e não verbais que compõem a comunicação, onde as partes ao mesmo tempo que afetam são afetadas pelo ambiente no qual estão inseridos.

Sendo assim, a Semiótica se mostra de grande valia para entender estes processos comunicativos e interacionais aos quais somos expostos em todos os momentos em nossos contatos sociais, permitindo uma análise mais profunda destas

comunicações e elevando a uma potência muito mais alta a variedade das nossas formas a áreas de aplicação da Comunicação.

Essa forma de utilização e da aplicação da Semiótica na Comunicação também se mostra muito clara ao tentarmos delimitar e entender o papel da Comunicação e dos processos comunicativos nos dias de hoje, tal qual foi feito no segundo capítulo do presente trabalho.

Sob a luz da Semiótica podemos entender que a Comunicação como conhecemos hoje está presente em todos os nossos momentos e atividades, uma vez que estamos vivendo um novo momento de globalização, a do mercado, desde o advento da Revolução Industrial e com principal destaque para a explosão da criação de signos com as técnicas digitais de Comunicação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel; BARSOTTI, Adriana (Org.). **Clássicos da comunicação**: os teóricos – de Peirce a Canclini. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do Campo da Comunicação**. Verso e Reverso: Revista da Comunicação, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 62-77, jan./abr. 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Esquecer Peirce? Dificuldades de uma teoria da comunicação que se apoia no modelo lógico e na religião**. Galaxia, São Paulo, n. 24, p. 22-32, dez. 2012.

NÖTH, Winfried. **A teoria da comunicação de Charles S. Peirce e os equívocos de Ciro Marcondes Filho**. Galaxia, São Paulo, n. 25, p. 10-23, jun. 2013.

PICADO, José Benjamin. **Por que a semiótica interessa às teorias da comunicação?** In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 10., 2001, Brasília. Anais... Brasília: Universidade de Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1273.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2012.